

os anarquistas e as prisões: notícias de um embate histórico¹

acácio agosto*

“Fazemos nossos caminhos como o fogo suas centelhas.”

rené char

A prisão, esta criação recente, emerge em um determinado momento no século XIX. Logo ela é entendida como indispensável, mesmo para os que admitiam seu fracasso. Torna-se, a partir de então, peça fundamental de uma nascente economia do castigo e para o funcionamento de uma nova tecnologia de poder. Expressão terminal do dispositivo disciplinar. Imagem do medo.

Sabemos disso desde as contundentes análises históricas de Michel Foucault, em *Vigiar e punir*. É também a partir de Foucault que entendemos o nascimento das prisões como efeito de lutas intermináveis. A prisão expressa uma situação estratégica de exercício de po-

* Bacharel em Ciências Sociais, mestrando no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP e pesquisador no Nu-Sol.

deres, não se trata de repressão ou ideologia, mas de embates que se travam contra, para, pela e apesar das prisões.²

Temos que ouvir o ronco surdo das batalhas

No momento mesmo em que esses embates se configuram no velho mundo, os anarquistas emergem como atiradores e alvo dessas novas técnicas de exercício de poder: ao mesmo tempo em que as combatiam, eram também alvos seus. A demolidora reflexão, em 1793, acerca do castigo perpetrada por William Godwin (1756-1836);³ o contra-noticiário policial dos anarquistas do *La Phalange* (1836);⁴ o controverso escrito de Proudhon sobre a propriedade (1840);⁵ o julgamento do *anarco-terrorista* Émlie Henry (1894);⁶ as reflexões de Kropotkin acerca das prisões;⁷ as polêmicas levantadas por Malatesta no final do século XIX;⁸ ou mesmo a profilaxia de Lombroso contra os anarquistas,⁹ são todos estes fatos de batalha que os libertários travaram contra o tribunal, lutas em que foram atiradores e alvo das prisões, do tribunal e, sobretudo, das técnicas de governo e do exercício das disciplinas.

Não é objetivo deste artigo fazer uma antologia dessas batalhas, mas é inevitável rememorá-las quando se quer apresentar uma série de associações anarquistas que em nossos dias se propõem a lutar contra as prisões. Sobretudo quando se trata de associações que reivindicam para si uma tradição que se inicia em 1905 na Rússia, ainda sob o governo czarista e em meio a uma guerra civil. É neste momento específico que surge a *Cruz Negra Anarquista* (CNA).

No entanto, não se trata também de contar a história dessas associações, mas a partir da notícia de sua existência levantar a seguinte pergunta: qual a radicalidade da histórica oposição dos anarquistas ao sistema

Os anarquistas e as prisões: notícias de um embate...

penal nos dias atuais? Nesse questionamento somos levados a situar como uma associação anarquista de atuação planetária empreende suas práticas de resistências às prisões em uma sociedade que diversifica amplamente suas técnicas de exercício de poder, conforme mostraram as reflexões que o filósofo Gilles Deleuze fez da chamada *sociedade de controle* a partir das problematizações estabelecidas por Michel Foucault sobre o funcionamento do poder no Ocidente.¹⁰

As CNA's

As CNA's compreendem diversas associações que prestam apoio a presos no planeta, em especial presos políticos e de guerra. No Brasil praticamente inexistente. Constitui-se como federação de associações autônomas que se articulam, como grupos de afinidade,¹¹ exclusivamente na defesa de casos.

Cada associação age na sua localidade e conta com as demais para divulgação das suas ações. As informações entre elas são trocadas por via postal, mas principalmente pela Internet. É desta maneira que realizam uma de suas principais atividades, a CRE (Cadeia de Resposta de Emergência). Esta ação consiste em enviar cartas, e-mails, fax e realizar manifestações diante de embaixadas ou outras instituições públicas, vinte e quatro horas após a notícia de uma prisão, como maneira de pressionar autoridades para garantir a comunicação ou mesmo a liberação de uma pessoa presa.

Não há nenhum tipo de financiamento governamental ou privado para sustentação das CNA's. As associações vivem da colaboração de pessoas ligadas ao movimento, contribuições espontâneas e rendas decorrentes da venda de livros, revistas, jornais, camisetas,

adesivos, shows e CDs produzidos por seus integrantes.

Como já apontado no início do texto, a primeira associação da CNA surge na Rússia, em 1905. Com a tomada do Estado pelos bolchevistas (1917), ela se transfere para Berlim apoiando os anarquistas perseguidos pela ditadura do proletariado. É extinta na década de 1940, com a ascensão do nazismo, e ressurge em 1960, na Inglaterra, prestando apoio a perseguidos pelo regime fascista de Franco, na Espanha. Desde 1980 diversas associações passam a ser criadas no planeta (há associações da CNA em toda América Latina, Estados Unidos, Europa e Austrália). Na década seguinte, ocorre sua maior difusão nas bordas dos novos movimentos anti-capitalistas e do uso da Internet como ferramenta de intervenção política.¹²

A atuação destas associações, que se rearticulam nas décadas de 1980 e 1990, explicita uma atitude radical de oposição às prisões, ao enfrentar o problema do encarceramento como um problema político, e não como um drama pessoal, psicológico ou técnico-jurídico. Embora ainda se filiem à argumentação profilática de Kropotkin — desenvolvida em seu escrito clássico sobre as prisões, que toma a revolução social como panacéia para o problema do encarceramento nas sociedades sob regime do monopólio, estatal ou privado, da propriedade — é em meio às suas ações pontuais de embate direto com o sistema penal que emerge sua radicalidade, possibilitando experimentações de liberdade.

É a partir desse critério que se pode destacar as associações de *Madri* e *Nova Jersey* como as mais relevantes dentre todas que agem em diversas cidades do planeta, apresentadas a seguir por meio das lutas específicas travadas por cada uma das associações.

Os anarquistas e as prisões: notícias de um embate...

A nova CNA Nova Jersey

A década de 1980 marca a reativação planetária da atuação das CNA's. Esta década está marcada, também, pela expansão das políticas de superencarceramento, como mostram os estudos de Nils Christie e Loïc Wacquant.¹³ A CNA de Nova Jersey, em especial, passa a problematizar os novos programas penais, nomeadamente o *tolerância zero* estadunidense, aplicados pelos governos à direita nas prefeituras de Detroit e Nova York, e posteriormente exportados como políticas de tolerância zero para América Latina e Europa, por partidos ligados à social-democracia.

Encontram-se no sítio da *CNA Nova Jersey*¹⁴ 121 textos que analisam e combatem tal política apresentado-a como parte de uma *guerra de extermínio* dos indesejáveis (negros, imigrantes, moradores de rua, subversivos, etc.), para depois apontar para uma luta objetivando estancá-la.¹⁵ Ao se analisar os textos, partindo do tema principal de combate às políticas de tolerância zero, nota-se uma proposital distinção, feita pelos autores da associação de Nova Jersey, entre as palavras *war* (guerra) e *struggle* (luta). Esta distinção visa apontar as políticas de Estado como uma *guerra de extermínio* dos indesejáveis e as resistências a ela como necessidade de uma *luta*, cujo alvo é a *manutenção da vida livre*.

Desta maneira elas se inserem numa tradição de lutas políticas do século XIX contra o exercício de poder *biopolítico*, que se articulava, por meio da *norma*, junto às *disciplinas*. Como sugere Foucault: “contra o poder ainda novo no século XIX, as forças que resistem se apoiaram exatamente naquilo sobre o que ele investe — isto é, na vida e no homem enquanto ser vivo. [...] Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la.”¹⁶

A intervenção contumaz da associação de Nova Jersey não só coloca a discussão acerca das prisões no campo político, como faz da vida o objeto de suas lutas por libertação. Isto faz com que as reivindicações dos presos e dos que estão fora da prisão não se coloquem em termos de Direito, mas como um embate direto contra o Estado e seus mecanismos de regulamentação da vida associados aos dispositivos disciplinares. Neste ponto, é inevitável fazer ecoar a afirmação de Foucault: pouco importa se o que orienta as lutas da CNA Nova Jersey é a busca utópica da sociedade livre e igualitária, mas é preciso atentar para os efeitos destes discursos nas lutas contra a prisão e o sistema penal.

A CNA Madri

A *CNA Madri* foi dissolvida em janeiro de 2006 por problemas internos, mas suas campanhas prosseguiram por outras regiões da Espanha. O documento que notícia sua dissolução argumenta a incapacidade material e humana (dinheiro, material, militantes, repressão da polícia) para prosseguir as campanhas na cidade de Madri, deslocando esforços para as associações da Galícia, Albacete, Barcelona e a recém criada *Federação Ibérica de Associações da Cruz Negra Anarquista*, que agrega as associações existentes em Portugal.¹⁷

A principal campanha das associações espanholas, que tinha como núcleo Madri, é a de combate a uma medida administrativa veiculada nas prisões espanholas chamada FIES (Fichero de Internos de Especial Segmento).¹⁸ Campanha de expressão planetária, rendeu um embate direto das CNA's com o governo espanhol, chegando a associação de Madri ser declarada ilegal — sob a acusação de ser grupo terrorista — pelo juiz Baltazar Garzon,¹⁹ que ainda decretou a prisão de diversos integrantes da

Os anarquistas e as prisões: notícias de um embate...

CNA de Madri, promovendo uma caça às bruxas aos centros culturais anarquistas, de Madri e Albacete, e às *Okupas* — casas ocupadas que funcionam como moradia e espaço de atividades culturais dos jovens espanhóis, em geral *punks*, anarquistas e anarco-punks.

Nestas fichas “especiais” encontram-se anarquistas, militantes do ETA, muçulmanos acusados de envolvimento com a Al Qaeda, objetores de consciência, traficantes, imigrantes ilegais e pessoas acusadas de envolvimento com o “crime organizado” ou supostamente ligados a grupos políticos na prisão. O argumento de combate ao FIES articulado pelas CNA`s comporta a apresentação de técnicas de governo utilizadas pelo Estado espanhol para eliminação dos indesejáveis ao produzir um cárcere dentro do cárcere, configurando um método de eliminação pelo isolamento e indução ao suicídio.

O FIES é definido em seu estatuto como um “regime de vida” aplicado a um determinado grupo de presos, que protege os outros presos não incluídos no FIES, e ao mesmo tempo, defende a sociedade daqueles considerados mais perigosos. É um regime que regulamenta e administra a vida de terroristas e narcotraficantes reclusos. Não aplica a execução sumária, mas administra a vida pela utilização da norma que define certas categorias de presos que ameaçam a saúde e a segurança da população: os presos deixam de ser considerados passíveis de disciplina para serem controlados e anulados até a morte chegar.

Trata-se de um procedimento definido como administrativo e acoplado a uma instituição disciplinar para fins de gestão dos conflitos e controle contínuo dos presos, cientificamente classificados como perigosos. Nesse procedimento de sujeição peculiar há uma positividade: diante de pessoas que são, do ponto de vista político e produtivo, perigosas e inúteis, as técnicas de

controle biopolítico — a gestão calculista da vida segundo um poder que causa a vida ou devolve à morte, como definiu Foucault²⁰ — são experimentadas e testadas em pessoas tomadas como cobaias dos mecanismos de gestão e controle de vidas.

Em meio a uma escalada planetária de prisões como Guantánamo, que escandaliza grupos de direitos humanos no mundo todo, ou mesmo da existência incontestada das RDD's (Regime Disciplinar Diferenciado) — prisões de segurança máxima espalhadas pelo interior de São Paulo — a luta infame dos anarquistas na Espanha contra esse regime de detenção peculiar se apresenta como uma urgência que estranhamente não encontra eco no Brasil, onde — salvo o singular contrapositionamento do Nu-Sol que alia anarquismo e abolicionismo penal — alguns dos contemporâneos grupos e associações de anarquistas parecem estar mais preocupados em ocupar as prateleiras do supermercado das esquerdas e fazer manifestações com escolta policial.

Em um texto que conta a história das lutas anti-prisionais na Espanha,²¹ o grupo de pessoas que produz e assina o texto como CNA ressalta que o fim da ditadura fascista lembrou aos militantes que lutavam contra o regime de Franco, e acabavam no cárcere, algo que sempre esteve evidente no embate histórico dos anarquistas com o sistema penal: *todo preso é um preso político*.

O que o fim da ditadura brasileira trouxe de novo aos grupos de luta por anistia e aos grupos que durante a ditadura militar lutaram pela libertação de presos políticos? Esta é uma questão pertinente quando o alvo é problematizar um discurso contemporâneo que afirma a democracia e os direitos humanos como a superação dos problemas vividos durante aquele período ditatorial. Muitos destes problemas persistem e tornam-se mais

Os anarquistas e as prisões: notícias de um embate...

agudos na medida em que nos dias de hoje se fortalece um discurso que afirma as políticas de tolerância zero como a grande panacéia no campo das políticas sociais, e encontrando diminutas resistências. Afirmar que *todo preso é um preso político* é uma urgência incontornável para qualquer pessoa, anarquista ou não, que se ocupe do problema das prisões.

Lutas contra o sistema penal e experimetações de liberdade

Foi sob os efeitos de hegemonia da burguesia no século XIX que os anarquistas apresentaram-se como contestação radical das técnicas disciplinares e das regulamentações de governo das populações. Marcaram na história moderna seus contra-posicionamentos, experimentaram liberdades com suas práticas sediciosas, arruinadoras das hierarquias e da autoridade centralizada, e pretenderam abolir os castigos no próprio presente. Nas experiências das CNA's, os anarquistas sempre souberam fazer de suas lutas utópicas experiências heterotópicas.²²

São portadores de uma tradição, reivindicada pelas CNA's, que se renova nos enfrentamentos com autoridades. Hoje habitam *outros espaços* e travam conversações e batalhas com práticas sociais diversas, incluindo as vinculadas com as novas tecnologias eletrônicas. Contudo, resistir na atualidade implica outras intensidades que não mais apenas as experimentadas na decadente sociedade disciplinar. É preciso estar atento para não ser capturado na velocidade dos fluxos eletrônicos e nas convocações constantes à participação.

Lutar contra o regime das penas é um estilo de vida, uma prática cotidiana, pois a intensidade da vida é capaz de arruinar o programa. Desse modo, “resistir também

não é mais uma atitude que ocorre em lugares ou atravessa a estratificação. É preciso se desdobrar velozmente. É preciso ser intenso, virar vacúolo. (...) Se a sociedade de controle governa pela velocidade, integrando e convocando a participar, o que se exige das resistências? Elas alteram velocidades. Exercitam intensidades, surpreendentes ataques, a antidiplomacia: diante da negociação, o imediato; diante da razão, o instintivo; diante da criação, a invenção”.²³

As CNAs travam suas lutas dentro de um campo da reforma da sociedade. Há experimentações de liberdade, radicalidades experimentadas em alguns momentos pelos que estão envolvidos nestas lutas, mas há uma limitação na medida em que existe um programa societário a ser cumprido. Uma intensa luta contra as prisões que abale os castigos assim como as novas tecnologias de controle, não passa pela busca de um horizonte *libertador*, mas pela urgência em se *liberar*, no presente, dos fluxos que arastam para uma vida de servidão.

Amarradas a programas societários, as lutas contra as prisões correm um duplo risco: de receberem o comando Ctrl+b, isto é, serem salvas e incorporadas num programa maior, totalizador; ou o Ctrl+Alt+Del, isto é, serem simplesmente eliminadas.

Todo preso é um preso político!

Notas

¹ Este artigo apresenta resultados da pesquisa de iniciação científica “Cruz Negra Anarquista (CNA). Embates com o sistema penal: controle e experimentações de liberdade”; apresentada, em 2005, ao Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP e à Comissão de Pesquisa e Extensão da PUC-SP, financiada pelo CNPq e premiada como melhor trabalho de iniciação científica do Departamento de Política em 2005.

² Michel Foucault. *Vigiar e punir*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 2002, pp. 195-254.

Os anarquistas e as prisões: notícias de um embate...

³ William Godwin. “Crime e punição” Tradução de Maria Abramo Caldeira Brant in *Verve*, n° 5. São Paulo, Nu-Sol, 2004, pp. 11-84.

⁴ Michel Foucault, 2002, op. cit., pp. 228-242.

⁵ Pierre-Joseph Proudhon. *O que é a propriedade*. Tradução de Marília Cacirola. Lisboa, Editorial Estampa, 1975.

⁶ Jean Matrion. “Émile Henry, o benjamim da anarquia” Tradução Eduardo Maia. in *Verve* n° 7, São Paulo, Nu-Sol, 2005, pp.11-41.

⁷ Piotr Kropotkin. *As prisões*. Tradução Martin La Batalha. São Paulo, Index Librorum Prohibitorum, 2002.

⁸ Ver em especial Errico Malatesta. *Escritos revolucionários*. Tradução Plínio Augusto Coelho São Paulo, Imaginário/Nu-Sol/Soma, 2000; Errico Malatesta. “Incompatibilidade” in Francesco Saveiro Merlino & Errico Malatesta. *Democracia ou anarquismo*. Tradução Júlio Carrapato. Lisboa, Ed. Sotavento, 2001.

⁹ Cesare Lombroso. *Los anarquistas*. Tradução J.M. Domínguez. Madrid, Jucar, 1977; Michel Foucault. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2002, pp.173-206.

¹⁰ Gilles Deleuze. “Post-scriptum sobre as sociedades de controle” Tradução de Peter Pál Pelbart in *Conversações*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 2000, pp.219-226. .

¹¹ A noção de grupos de afinidades dentro das práticas anarquistas orienta que as associações são formadas a partir da proximidade e preferências dos indivíduos, garantindo que as relações entre as associações se fundem pela afinidade que cada associação tem com as práticas anarquistas específicas. Edgar Rodrigues. *Pequeno Dicionário de Idéias Libertárias*. Rio de Janeiro, CCeP Editores, 1999, pp.35-36. Também em Murray Bookchin. “Grupos de Afinidade” in George Woodcock. *Grandes Escritos Anarquistas*. Porto Alegre: LPeM, 1999, pp.162-164. Um outro uso da prática de afinidades entre os anarquistas pode ser encontrada em Edson Passetti. “Atravessando Deleuze” in *Verve*, n° 8, São Paulo, Nu-Sol, 2005, pp. 42-48.

¹² www.anarchistblackcross.org; www.nodo50.org/federacioniberica_cna/; www.angelfire.com/zine/libertad/cna.html; entre outros.

¹³ Loïc Wacquant. *As prisões da miséria*. Tradução de André Telles Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001; Nils Christie. *A indústria do controle do crime — a caminho dos GULAGs em estilo ocidental*. Tradução de Luis Leiria. Rio de Janeiro, Editora Forense, 1998.

¹⁴ www.anarchistblackcross.org.

¹⁵ A preocupação da CNA Nova Jersey com essa seletividade racial do sistema penal estadunidense (que não é privilégio deste) decorre, sobretudo, pelo fato de ser na

sua maioria composta por ex-militantes dos *Black Panthers*, fato evidente inclusive pela cidade em que está localizada. www.anarchistblackcross.org

¹⁶ Michel Foucault. *A vontade de saber — vol. 1 da História da sexualidade*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. Graal, 2001, p. 136.

¹⁷ Conforme comunicado recebido por e-mail de janeiro de 2006. Os grupos de Albacete, Barcelona e a recente *CNA Ibérica*, que reúne associações da Espanha e Portugal, prosseguem os trabalhos descritos aqui, especialmente junto aos presos inclusos no FIES.

¹⁸ Para cartas, escritos e documentos de combate ao FIES em espanhol, francês e inglês, ver: www.ecn.org/breccia/dossier/; www.ucm.es/info/eurotheo/normativa/fies.htm; www.toutmondehors.free.fr/fies.html; www.ainfos.ca/01/feb/ainfos00368.html.

¹⁹ Baltazar Garzon, iminente juiz espanhol famoso mundialmente por comandar o julgamento do ditador chileno Augusto Pinochet. Chegou a ser indiado ao prêmio Nobel da paz com assinatura de figuras ilustres como a do escritor português José Saramago.

²⁰ Michel Foucault, 2001, op. cit., pp. 127-149.

²¹ A discussão encontra-se no texto: “Breve história da luta contra o FIES”, publicada no site da CNA Nova Jersey. “A transição do facismo ditatorial para uma “democracia de Estado” no meio dos anos setenta não fez diferença neste ponto: a repressão continua severa, e as prisões superlotadas. A luta pela libertação de presos políticos se alterou então para uma luta pela a libertação de todos os prisioneiros e a abolição do sistema penal”. Cf. www.anarchistblackcross.org.

²² Para Foucault a sociedade moderna se caracteriza por posicionamentos nas relações de vizinhança dentro de grades, redes ou organogramas, os contrapositionamentos atravessam essas redes e estratificações, desestabilizando-as. Isso aparece na noção de heterotopia apresentada por Foucault, Michel. “Outros espaços” in *Ditos e Escritos III*. Tradução de Inês A. D. Barbosa. São Paulo, Forense, 2001, pp. 411-422. Essa noção é utilizada por Edson Passetti para problematizar práticas anarquistas, entendendo-as como contrapositionamentos heterotópicos. Edson Passetti. “Heterotopias anarquistas” in *Verve*, n° 2, São Paulo, Nu-Sol, 2002, pp. 141-173.

²³ Edson Passetti. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez, 2003, p. 251.

Os anarquistas e as prisões: notícias de um embate...

RESUMO

A Cruz Negra Anarquista (CNA) é uma associação que emerge em 1905 na Rússia e existe até hoje em diversos países. A atuação de suas associações mais expressivas, localizadas em Nova Jersey e Madri, é problematizada diante do histórico embate dos anarquistas contra a prisão, o sistema penal e Direito.

Palavras-chave: Prisões, Cruz Negra Anarquista, abolicionismo penal.

ABSTRACT

The Anarchist Black Cross is an association that emerged in 1905 in Russia and still exists today in several countries. Its most expressive associations, located in New Jersey and Madrid, are problematized before the historical anarchist struggle against prison, the penal system and the law.

Keywords: Prisons, Anarchist Black Cross, penal abolitionism.

Recebido para publicação em 6 de fevereiro de 2006 e confirmado em 6 de março de 2006.